

CONSPIRACIONISMO E CONTRARREVOLUÇÃO: da Revolução Francesa à Guerra Fria

Ricardo Figueiredo de Castro *

Há alguns anos venho me dedicando a estudar os aspectos ideológicos da extrema-direita contemporânea, especialmente a de matriz fascista. Esse estudo me levou a descortinar uma série de fenômenos culturais e políticos originários do século XIX, e até mesmo do final do século XVIII, que nos ajudam a contextualizar na longa duração a história política da direita em suas diferentes variações e famílias.

Esse processo de pesquisa bibliográfica tem sido muito gratificante, pois me ajudou a compreender melhor muitos elementos políticos e culturais contemporâneos, tais como, o conspiracionismo presente em parte da direita brasileira contemporânea; e sua relação com o Negacionismo do Holocausto.

A presente comunicação é um breve ensaio que trata de um estágio intermediário da pesquisa bibliográfica que venho realizando nos últimos meses e tem como objeto a genealogia do conspiracionismo e sua relação com a formação de um certo tipo de discurso antirrevolucionário e sua utilização pelas direitas.

Atualmente, existe na cultura de massas ocidental uma verdadeira mania de se explicar

*

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professor de História Contemporânea do Instituto de História (IH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

algum evento político, social e até mesmo natural recorrendo a alguma “teoria da conspiração” já disponível ou criando-se uma nova. Essa verdadeira ferramenta de explicar e dar sentido à realidade impregna de tal forma a política de nosso tempo que cada vez mais ela se torna uma chave de interpretação maniqueísta dos eventos políticos e sociais. Chamamos esse fenômeno de “conspiracionismo”:

“[...] vision du monde dominée par la croyance que tous les événements, dans le monde humain, sont voulus, réalisés comme des projets et que, en tant que tels, ils révèlent des intentions cachées – parce que mauvaises. (TAGUIEFF, 2006:54)

O cientista político estadunidense Michael Barkun, um dos maiores especialistas no assunto, considera que a visão de mundo conspiracionista é um discurso sobre o poder e implica em um universo governado pela vontade, mais do que pelo acaso. Portanto, para o conspiracionismo o mundo seria governo por três princípios: a) Nada acontece por acaso; b) Nada é o que parece; e, c) Tudo está conectado. (BARKUN: 2-3) O conspiracionismo considera assim que existe uma vontade humana maligna que dirige secretamente as ações da sociedade e controla, portanto, o destino da humanidade. Essa vontade seria realizada por um sujeito coletivo, a sociedade secreta. O conspiracionismo baseia-se na existência da chamada “teoria da conspiração”. Segundo Rudy Reichstadt (2015: 2), “teoria da conspiração” é “[...] une tendance à attribuer abusivement l’origine d’un événement choquant et/ou dramatique (catastrophe naturelle, accident industriel, crise économique, mort d’une personnalité, attentat, révolution...) à un inavouable complot dont les auteurs – ou ceux à qui il est réputé profiter –

conspireraient, dans leur intérêt, à tenir cachée la vérité”

Desde o advento da Internet nos anos 1990 e, sobretudo, após o surgimento e popularização da Internet 2.0 e suas ferramentas de edição de conteúdo virtual (wikis, blogs, microblogs, redes sociais) o conspiracionismo disseminou-se e popularizou-se como uma verdadeira pandemia no ambiente virtual da rede mundial de computadores e, através dela, nos corações e mentes de pessoas de diferentes pessoas ao redor do mundo. Os pesquisadores consideram, portanto, que na virada do século XX para o XXI, o conspiracionismo ganhou dimensão mundial, o mega-complô (TAGUIEFF, 2006) ou super-conspirações (BARKUN, 2003, p. 6). Ou seja, surgem conspirações sistêmicas, mundiais, a chamada conspiração da “Nova Ordem Mundial”, que tem diferentes configurações, que teve na ONG de direita estadunidense, The John Birch Society uma de suas principais divulgadoras. (STEWART, 2002)

A crescente importância da cultura conspiracionista aumenta também a demanda por abordagens mistificadoras da história que frequentemente estão a serviço de uma ideologia política, a maior parte das vezes da extrema-direita, a chamada pseudo-história, a mais importante delas o Negacionismo do Holocausto.

Neste início de século XXI, dois eventos teriam contribuído para disseminar o conspiracionismo pela cultura de massas.

Em primeiro lugar, os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Segundo Michael Barkun esse evento traumático teria fortalecido a ideia de que

forças ocultas organizadas em sociedades secretas como, por exemplo, os Illuminati, manipulariam pessoas e organizações, com o intuito de estabelecer um governo mundial que oprimiria o povo dos Estados Unidos, a Nova Ordem Mundial.

Em segundo lugar, a eleição de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos teria contribuído para acelerar esse processo ao colocar o conspiracionismo no centro do debate político estadunidense e estimular grupos e organizações conservadoras e extrema-direita a explicarem a eleição de Obama a partir de um discurso conspiracionista. (BARLET, 2009: 7)

Mais recentemente, o atentado ao jornal satírico parisiense Charlie Hebdo, suscitou uma série de questionamentos veiculados pela Internet questionando a versão policial sobre o episódio e oferecendo explicações alternativas e conspiracionistas, o que suscitou debates políticos e midiáticos que enfatizam a crescente contaminação da política francesa pelo discurso conspiracionista, como por exemplo o dossiê da Revista *L'Express*. (L'EXPRESS, 2015).

Nossa hipótese de trabalho é que o discurso conspiracionista, presente nas teorias da conspiração, apesar de ter surgido durante a Revolução Francesa pelas mãos daqueles que o usavam contra os inimigos da revolução (“o complô aristocrático”), identificando ameaças reais ou imaginárias a ela (MÜNCH, 2014), foi apropriado por um discurso antirrevolucionário que o sistematizou e o elevou a um patamar superior, constituindo assim o protótipo de uma ideologia antirrevolucionária, o conspiracionismo. Ideologia essa que se adaptou a diferentes ameaças à ordem ao longo do século XIX e, sobretudo, do século XX.

Atualmente, há um consenso de que o conspiracionismo enquanto discurso político surgiu exatamente durante a Revolução Francesa, através de duas obras escritas nos últimos anos do século XVIII.

A primeira obra é da autoria do padre e polemista francês, o jesuíta Augustin Barruel (1741-1820). Sua obra em 5 volumes, *Mémoires pour servir à l'histoire du jacobinisme* foi escrita entre 1792 e 1797, enquanto seu autor estava exilado em Londres, fugido da Revolução Francesa e publicada entre 1797 e 1799 (FANNING, 1907) na cidade de Hamburgo, Alemanha.¹ A obra foi rapidamente traduzida e ganhou edições em inglês, na Grã-Bretanha (1798) e nos Estados Unidos (1799), em alemão (1800), em espanhol (1814), em catalão (1827), entre outras. Em 1809 e 1810 o prolixo polemista e padre português José Agostinho de Macedo (1761-1831) publicou uma versão de extratos comentados com o título *O segredo revelado ou Manifestação do systema dos Pedreiros Livres e Illuminados, e sua influencia na fatal revolução franceza*.² A sua importância para a origem do conspiracionismo é atestada não apenas pela historiografia especializada e pelo prestígio que o autor e sua obra tem atualmente na Internet, entre os sites conspiracionistas.³

Além do francês, um intelectual escocês contribuiu decisivamente para o seu surgimento, o físico John Robison, professor da Universidade de Edinburgh que publicou na

-
- 1 Segundo o frontispício da edição original a obra teria sido editada em Hamburgo, Alemanha, pelo editor P. Fauche. A ONG *Internet Archive* disponibiliza para *download* os 5 volumes da segunda edição em francês do mesmo editor da edição original, P. Fauche. <https://archive.org/search.php?query=publisher%3A%22A+Hambourg+%3A+Chez+P.+Fauche%22> Acessado em 28 de março de 2015.
 - 2 Uma cópia PDF da edição original está disponível para *download* no *Internet Archive* em <https://archive.org/details/osegredorevelado00barr> Acessado em 28 de março de 2015.
 - 3 Como, por exemplo, o site “The New World Order”, que dedica uma de suas páginas à análise conjunta dos dois autores. Disponível em: <http://armageddonconspiracy.co.uk/Robinson-and-Barruel%281509715%29.htm> Acesso em: 08 de junho de 2015.

capital da Escócia em 1797 a obra *Proofs of a Conspiracy against all the Religions and Governments of Europe, carried on in the Secret Meetings of Free-Masons, Illuminati and Reading Societies, etc., collected from good authorities.* ⁴ Ainda em 1797 é publicada em Londres uma edição inglesa e, rapidamente, a obra tem sucessivas edições.

Assim como a obra de Barruel o livro de Robinson ganha várias edições e inspira o pastor estadunidense, Seth Payson (1758-1820), a escrever uma obra de síntese entre as duas obras seminais. ⁵

O discurso conspiracionista no século XIX dissemina-se na política dos Estados Unidos e da França, especialmente com a conspiração católica no primeiro e com a conspiração jesuítica no segundo. (BARLET, GIRARDET)

O conspiracionismo ganhará força e se desenvolverá como uma ideologia antirrevolucionária especialmente no século XX, com o advento da Revolução Russa.

Um dos principais motivos para isso foi a utilização do apócrifo *Protocolo dos Sábios de Sião* como prova da existência de uma conspiração judaica para a subversão da sociedade. O papel decisivo dessa divulgação do mito do complô, nos EUA, será do industrial estadunidense Henry Ford que se dedicará nos anos 1920 a patrocinar a edição e distribuição do livro e a disseminar seu texto e mensagem. Para isso, ele distribuiu milhares de cópias do

4 Uma cópia Pdf da edição original está disponível para *download* no *Internet Archive* em <https://archive.org/details/proofsofconspira00robi> Acessado em 28 de março de 2015.

5 *Proofs of the real existence, and dangerous tendency, of Illuminism: containing an abstract of what Dr. Rosbinson and the Abbe Barruel have published on this subject;with collateral proofs and general observation.* Publicado em 1802 em Charlestown, Estados Unidos. Atualmente há uma edição disponível na Internet (Google Books) intitulada *Proof of the Illuminati*, publicada por uma editora especializada em temas conspiracionistas, a *The Invisible College Press* (<http://www.invispress.com/>)

Protocolo e adquire um jornal semanal, o *Dearborn Independent* no qual durante 91 semanas a partir de 1920 publica artigos antissemitas e conspiracionistas que, posteriormente, são compilados e editados em forma de livro com o título *O judeu internacional*, desde então um clássico do antissemitismo conspiracionista.

Nos anos 1920, o conspiracionismo é atualizado e fortalecido como arma de propaganda antissoviética e antibolchevique nos anos 1920 e 1930.

Uma das responsáveis por esta atualização é a inglesa Nesta Webster (1876-1960). Suas obras principais são: *The French Revolution*, (1919); *World Revolution: The Plot Against Civilization*, (1921) e *Secret Societies and Subversive Movements*, (1924). Webster articula o Protocolo dos Sábios de Sião com a obra de Barruel e Robinson e com a Revolução Russa. Para Webster, então, os bolcheviques e os subversivos socialistas estão a serviço de uma conspiração maçônica e judaica para a conquista do mundo.

O conspiracionismo antibolchevique e antissemita foi uma importante ferramenta antirrevolucionária nos anos 1920 e 1930 que a direita e a extrema-direita usaram com eficácia contra seus inimigos, o movimento sindical organizado e as esquerdas. Os socialistas, os anarquistas e os comunistas foram demonizados e alvo de um discurso de ódio que preparou, em muitos casos, uma brutal repressão. Ou seja, o conspiracionismo foi uma eficaz arma ideológica usada contra os movimentos sociais organizados e contra as esquerdas, especialmente os comunistas. No Brasil, a denúncia de uma conspiração comunista em andamento (Plano Cohen) foi uma importante justificativa para a decretação da ditadura do Estado Novo. Na Alemanha, o mito da “Punhalada nas Costas”, que acusava os judeus e

comunistas de terem traído a Alemanha e contribuído para sua derrota na Grande Guerra foi um importante elemento a ser usado como prova da existência do complô judaico-comunista.

A Guerra Fria amplia o discurso anticomunista e uma das suas diferentes ferramentas ideológicas é o conspiracionismo.

A paranoia anticomunista que considerava que os comunistas estavam em todos os lugares, infiltrados em diferentes setores da sociedade e ocupando cargos e postos no Estado e nas diferentes instâncias da sociedade civil mostra o poder de adaptação do conspiracionismo a diferentes realidades e em diferentes circunstâncias históricas.

Nos EUA da Guerra Fria o conspiracionismo foi disseminado pela sociedade estadunidense e, através da sua presença cultural no exterior, no mundo ocidental. Grupos, partidos, militantes e políticos dos EUA e do mundo foram alvo do discurso conspiracionista anticomunista e, em seu nome, eram tachados de comunistas e, portanto, de inimigos da civilização ocidental. O conspiracionismo foi, portanto, uma das ferramentas ideológicas do anticomunismo da Guerra Fria a serviço da manutenção dos interesses políticos e geopolíticos da burguesia estadunidense, principalmente, e das burguesias ligadas aos interesses imperialismo dos EUA.

O ponto máximo da histeria conspiracionista e anticomunista nos EUA da Guerra Fria foi o chamado Macarthismo quando, entre o final dos 1940 e início dos anos 1950 ocorrem uma “caça às bruxas” aos comunistas e seus simpatizantes na sociedade americana, especialmente na mídia e na indústria cinematográfica.

O conspiracionismo provocou terríveis consequências seja sob o Macarthismo nos

EUA, seja na Alemanha nazista sob a liderança de Adolf Hitler; o que mostra o quanto o discurso de ódio baseado numa ideologia conspiracionista pode ser perigoso para a sociedade.

BIBLIOGRAFIA

BARKUN, Michael. **The culture of conspiracy: apocalyptic vision in contemporary America**. Berkeley: University of California Press, 2003.

BARLET, Chip. **Toxic to democracy: conspiracy theories, demonization & scapegoating**. Sommerville: Political Research Associates, 2009.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de Castro. **Extrema-direita, pseudo-história e conspiracionismo: o caso do Negacionismo do Holocausto**. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. Agosto de 2014.

CUBITT, G. "Conspiracy myths and conspiracy theories" **Journal of the Anthropological Society of Oxford**, 20 (1), 1989, 12-26. Disponível em https://www.anthro.ox.ac.uk/fileadmin/ISCA/JASO/Archive_1989/20_1_Cubitt.pdf Acesso em 4 les [de abril de 2015].

FANNING, William. “Augustin Barruel” **The Catholic Encyclopedia**. Vol 2. New York: Robert Appelton Company, 1907. Disponível em <http://www.newadvent.org/cathen/02310a.htm> Acessado em 23 de maio de 2015.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOFMAN, Amos. “Opinion, illusion, and the illusion of opinion: Barruel’s theory of conspiracy” **Eighteenth-Century Studies**, vol 27, no . 1, (Autumn, 1993), pp. 27-60.

JAY, Mike. “Darkness over all: John Robinson and the birth of the Illuminati conspiracy” Disponível em <http://mikejay.net/darkness-over-all/> Acessado em 29/03/2015

L’EXPRESS. Dossiê “Théories du complot”: http://www.lexpress.fr/actualite/societe/theories-du-complot_1646469.html. Acessado em 1º de junho de 2015.

MÜNCH, Philippe. *Le pouvoir de l’ombre: l’imaginaire du complot durant la Révolution française (1789-1801)*. 2008, Tese (Doutorado em História). Université Laval (Quebec) e École des Hautes Études em Sciences Sociales. Disponível em: http://www.theses.ulaval.ca/2008/25490/25490_1.pdf

MÜNCH, Philippe. “La foule révolutionnaire, l’imaginaire du complot et la violence fondatrice: aux origines de la nation française (1789)”. *Conserveries mémoriel*, #8, 2010. Acessado em 19 de setembro de 2014.

PRESTON, Paul. “Una contribución catalana al mito del contubierno judeo-masónico bolchevique”. **Revista Contemporanea**, número 7 (2007)

REICHSTADT, Rudy. “Conspiracionisme: un état des lieux”. Note n° 11. Fondation Jean-Jaurès Observatoire des radicalités politiques. 24 février 2015. Disponível em <http://www.jean-jaures.org/content/download/20661/212123/version/5/file/note-radic-pop-N%C2%B011.pdf> Acesso em: 10 de maio de 2015.

SAUNIER, Eric. “Franc-maçonnerie et Révolution française: vers une nouvelle orientation historiographique” **Cahiers d’histoire. Revue d’histoire critique** [online], 87, 2002. pp. 121-136. Acesso em 4 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://chrch.revues.org/1672>

STEWART, Charles J. “The master conspiracy of the John Birch Society: from communism to the New World Order”, **Western Journal of Communication**, 66(4) (Fall 2002), 424-447.

TACKETT, Timothy. “Conspiracy in a time of revolution: French elites and the origins of the Terror”, 1789-1792. **The American Historical Review**, vol. 105, no. 3, (Jun, 2000), pp. 691-

713.

TAGUIEFF, Pierre-André. **L'imaginaire du complot mondial**: aspects d'un mythe moderne.

s.l.: Mille et Une Nuits, 2006.